

*Nascentes***PUTASEMIOSE:  
UMA BREVE ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA  
DE *E SE EU FOSSE PURA*, DE AMARA MOIRA***Ádrian Henrique Ferreira Barboza\***Marcus Antônio Assis Lima\*\**

**RESUMO:** A literatura – não apenas vista como campo de estudos, mas como forma de luta e resistência às opressões – se tornou uma importante aliada para a transformação social, desde as obras consideradas “clássicas”, até mesmo as que pertencem à chamada literatura contemporânea. Da literatura feminista à literatura lgbtqiap+ a perspectiva da representatividade ganha força, além de ser um verdadeiro “suspiro” em meio a uma sociedade construída e atravessada pela cisheteronormatividade, racismo, machismos, patriarcado e tantas formas de opressão, como foi a formação da sociedade brasileira. O livro *E se eu fosse pura*, de Amara Moira, e que será utilizado como objeto de análise, é um texto literário que nos faz ressignificar, (re)pensar os estereótipos que a sociedade nos impõe, principalmente, relacionado às mulheres trabalhadoras sexuais, popularmente conhecidas como “putas”. Portanto, este texto tem por objetivo analisar alguns trechos da referida obra, utilizando o quadro de situação de comunicação e os modos de organização do discurso, trazidos pela Análise de Discurso Semiollingüística, proposta pelo linguista Patrick Charaudeau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amara Moira; Literatura; Resignificação; Semiollingüística.

**Introdução**

As putas – agentes protagonistas da/na prostituição – ao longo do tempo e em diferentes sociedades vêm (r)existindo a todo o martírio que os padrões morais e conservadores ditam aos seus corpos e suas profissões. Colocadas como devassas, promíscuas estas ressignificam seus lugares todos os dias ao se reafirmarem enquanto putas: e se eu fosse puta? E se fosse você? Este texto tem por objetivo descrever o quadro de situação de comunicação e os modos de organização do discurso, propostos pela Análise de Discurso Semiollingüística,

---

\* Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, na modalidade mestrado).

\*\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

criada por Patrick Charaudeau, de alguns trechos do livro da professora, travesti, ativista e putafeminista, Amara Moira, intitulado *E se eu fosse pura*<sup>1</sup>, publicado em 2018.

Certa vez, ainda na graduação, uma professora muito querida estava explicando à minha turma sobre o processo da construção de texto, comparando-o à construção de uma teia de aranha. O exemplo, usado de forma muito acertada, faz muito sentido, visto que se olharmos para uma teia, iremos perceber que a sua estrutura é formada por linhas (no caso, de seda) que se interconectam umas às outras, formando-se uma teia completa. Da mesma forma, é o que ocorre com os textos e discursos que circulam na sociedade tanto na modalidade oral, quanto escrita. Dentre as diversas áreas que estudam texto e discurso, está a Análise de Discurso que, embora muito difundida e utilizada nas Academias e análises a teoria criada por Michel Pêcheaux, faremos um caminho diferente, traçando-o à luz da Análise de Discurso Semiociológica, criada por Patrick Charaudeau.

A Análise de Discurso é uma das áreas dos estudos da língua(gem) mais amplas que existem, pois, quem a utiliza pode se adentrar por diversos caminhos que ela proporciona, utilizando-se de suas teorias e metodologias. No Brasil, a Análise de Discurso francesa (AD) criada pelo filósofo Michel Pêcheaux talvez seja a mais conhecida e estudada nos espaços acadêmicos da graduação e pós-graduação de diversos cursos, até mesmo nas escolas, sendo a principal difusora, Eni Orlandi, por volta da década de 1970. Todavia, neste texto, utilizaremos outra abordagem de AD francesa – Análise de Discurso Semiociológica – criada por Patrick Charaudeau ao lançar a sua obra *Linguagem e Discurso: modos de organização*, em 1983, a fim de nos dar pressupostos teóricos para análise da referida obra de Amara Moira, *E se eu fosse pura*.

Charaudeau (2005, p. 1) conceitua a sua teoria da seguinte maneira:

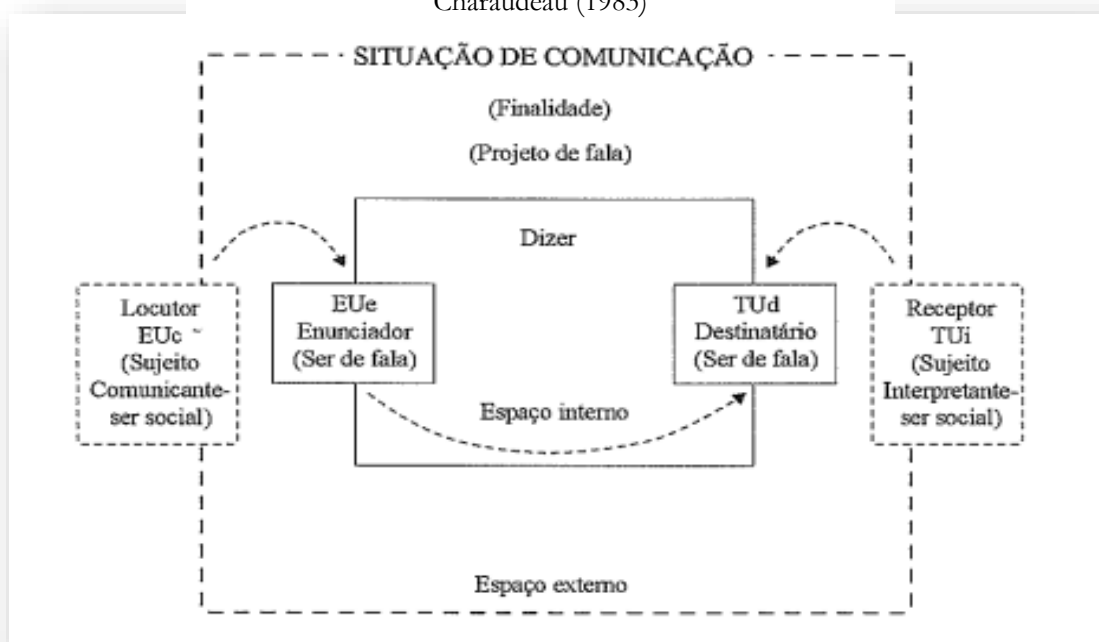
Eis porque a posição que tomamos na análise do discurso pode ser chamada [10] de *semiociológica*. *Semio-*, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação ; [11] *lingüística* para destacar que a matéria principal da forma em questão - a das línguas naturais. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmatico-paradigmática em vários níveis : palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiótica do mundo diferente das outras linguagens [12].

---

<sup>1</sup> A primeira versão do livro foi lançada em 2016, com o título “E se eu fosse puta”. Contudo, por conta do último termo, algumas editoras passaram a não distribuir a obra, corroborando para que Amara realizasse algum tipo de ajuste, Surge, então, o “E se eu fosse pura”, publicado em 2018.

Nessa perspectiva, o sujeito é retomado e passa a ser visto como um “ser social” que participa ativamente do mundo em que faz parte (mundo real) e do mundo a ser significado. Todavia, é necessário, segundo o autor um processo “partindo de um “mundo a significar”, o transforma em “mundo significado” sob a ação de um sujeito falante; o segundo, o processo de transação, que faz deste “mundo significado” um objeto de troca com um outro sujeito que desempenha o papel de destinatário deste objeto” (CHARAUDEAU, 2005, p. 2). Para isso, será necessário o acionamento de múltiplas “vozes” para que seu ato linguajero ocorra, podendo ter sucesso ou não ao seu interlocutor (aqui, o “tu interpretante”). A seguir, está o quadro de situação de comunicação proposto pelo autor:

Quadro de Situação de Comunicação criado por Patrick Charaudeau (1983)



Fonte: CHARAUDEAU, 2014, p. 52.

Como vemos, o autor procurou-se esquematizar como ocorrem os atos de linguagem, que dependerão de alguns artifícios para que ocorra de maneira satisfatória entre quem fala (sujeito comunicante) a quem se dirige (tu interpretante) – dentro do espaço externo da comunicação –, e de quem estes utilizarão (dentro do espaço interno – “mundo do dizer”) para representá-los, ligados às práticas sociais (eu-enunciador e tu destinatário, que serão os protagonistas do ato de comunicação), a saber: “I) dependerá das circunstâncias de discurso específicas; II) vai se realizar no ponto de encontro dos processos de produção e

interpretação; III) será encenado por duas entidades, desdobradas em sujeito de fala e sujeito agente” (CHARAUDEAU, 2014, p. 52).

Este quadro proposto pelo linguista mostra como ocorrem as trocas entre os parceiros da linguagem para cada situação comunicativa. Assim, para cada situação ocorrerá um novo quadro, visto que serão acionadas vozes diferentes, com visadas diferentes. Com isso, podem-se perceber as diferenças da teoria Semiolinguística, que visa resgatar o sujeito social e seus múltiplos papéis na interação sociocomunicativa, frente às outras teorias da AD.

### **Quadro de situação de comunicação: E se eu fosse pura**

Explicado de maneira breve o quadro proposto pelo referido teórico, agora, faremos a descrição do contrato de comunicação que estamos utilizando neste texto, no caso, a autoficção *E se eu fosse pura*, de Amara Moira. Embora a obra seja categorizada pela própria autora como autoficção, entendemos, baseados nos postulados da pesquisadora e analista do discurso, Ida Lúcia Machado, que o melhor termo a ser usado é narrativas de vida, já que “as narrativas de vida carregam em si uma natural estratégia discursiva: a da junção do factual com o ficcional. Evocar e colocar o passado por escrito abre as portas da memória para um mundo que talvez só tenha existido nos sonhos do eu-narrador” (MACHADO, 2020, p. 60). Portanto, o propósito desta não é saber o que é ou não real, mas descortinar as “vozes de si” que os relatos/narrativas trazem. Aqui, assumiremos a posição do texto de Amara Moira como uma narrativa de vida que traz características de autoficção.

Passamos à descrição do quadro de situação de comunicação proposto por Charau-deau (1983). Aqui, a situação de comunicação será a autoficção *E se eu fosse pura*, pois quem escreveu (ou seja, a sujeita-comunicante Amara Moira) tem como finalidade não só contar as suas vivências enquanto puta, mas também ressignificar este lugar, denunciando a hipocrisia da sociedade em relação às pessoas que trabalham na prostituição, visto que quem a consome é, na maioria das vezes, quem a condena em público. E, quando se pensa em uma travesti que também é puta, os lugares da marginalização e demonização são potencializados. Assim, a eu-comunicante Amara irá utilizar a sua história de vida como forma de transformação social.

“Assim, a narrativa de determinado fato, ao ser assumida por uma nova voz transformar-se-á em uma nova narrativa. Cada “eu” constrói uma versão de uma mesma história, dá a ela a “sua” marca [...]” (MACHADO, 2020, p.66). Os sujeitos que fazem parte das narrativas também trarão em si múltiplas vozes, adquirindo e exercendo papéis sociais. Amara Moira é a sujeita-comunicante, ou seja, uma sujeita empírica, um corpo que ocupa vários

papéis, tais como o de ser travesti, puta, professora, ativista/militante, pesquisadora e afins. Todavia, aqui, não é a Amara Moira acadêmica, professora que tem mestrado e doutorado que escreverá o livro, mas a Amara travesti puta como esta cita: “travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora” (MOIRA, 2018, p. 21).

Ela acionará outras vozes que considere “ideais” para que suas vivências, diálogos e acontecimentos viajem pelo mundo real e fictício das narrativas de vida e cheguem aos seus leitores ideias (o tu-interpretante). “O EUc é, como o TUi, um sujeito agente que se institui como locutor e articulador de fala, por nós denominado sujeito comunicante” (CHARAUDEAU, 2014, p. 48).

O sujeito comunicante inicia o processo de produção das situações de comunicação. Amara Moira (sujeita-comunicante) acionará a eu-enunciadora da narrativa, sendo uma imagem produzida pelo sujeito comunicante em que há uma intenção e estará dentro do circuito interno de comunicação, onde estão os seres de fala. Assim, a eu-enunciadora será uma narradora-puta<sup>2</sup>, que será a responsável por apresentar a narrativa aos leitores. Dando prosseguimento ao quadro, a sujeita comunicante cria um ser ideal (sujeito interpretante ou leitor) para que a comunicação ocorra da melhor maneira possível. Contudo, o objetivo pode não ser alcançado, gerando equívocos e os famosos “mal entendidos”.

Charaudeau (2014) cita a aventura e expedição como processos que ocorrem no ato da comunicação, visto que o primeiro está ligado à tentativa de, nas inúmeras situações que perpassam o nosso cotidiano, realizarmos algum diálogo com o outro e este podendo entender, não entender completamente nada, entender partes ou entender de uma maneira completamente diferente; a expedição, por utilizarmos diversos artifícios linguísticos e linguajeiros para que o nosso ao referirmos ao outro seja alcançado. (MACHADO, 2016).

Assim, retornando ao quadro de situação de comunicação proposto por Charaudeau (2014), a sujeita comunicante Amara projetará o seu interlocutor ideal (sujeito interpretante) que pode ser qualquer pessoa que compra o seu livro. Ou seja, a partir do momento que o livro está exposto na livraria e alguém decide comprá-lo, pressupõe-se que quem o comprou tenha o mínimo de conhecimento e/ou curiosidade sobre as putas, ocorrendo o contrato de comunicação<sup>3</sup> de maneira satisfatória. Logo, o tu interpretante (que será qualquer pessoa que

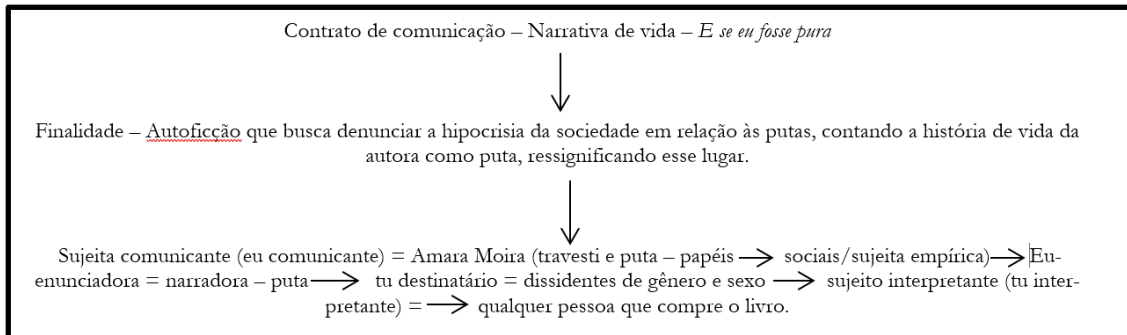
---

<sup>2</sup> Ao longo do livro, outras eu-enunciadoras irão surgir, o que, conseqüente, fará com que o tu destinatário também mude. Contudo, preferimos dar primazia a apenas uma eu-enunciadora (narradora-puta).

<sup>3</sup> O contrato, grosso modo, é um acordo firmado entre os parceiros da linguagem, dentro de determinada situação de comunicação.

compre o livro) projetará a imagem “ideal” de interpretação da narrativa, ou seja, leitoras que sejam mulheres trabalhadoras sexuais (tu destinatário).

Quadro de situação de comunicação do livro *E se eu fosse puta* (esquema)



Fonte: Autoria própria

Portanto, devemos visualizar esse quadro não apenas como um esquema entre emissor e receptor que vemos na escola, nas aulas de Português. Aqui, Charaudeau (2014) propõe que nas múltiplas interações do cotidiano ou atos de linguagem (como este denomina) há a construção de contratos de comunicação que visam mostrar o valor polifônico e metalinguístico das trocas entre os sujeitos da linguagem. Utilizando-se do termo empregado pelo linguista, seria uma “aposta”, pois já apostamos que nosso interlocutor irá interpretar a mensagem corretamente ou não; poderemos ganhar ou perder essa aposta.

### Modos de organização do discurso

A Semiolinguística não só se diferenciará de outras correntes da Análise do Discurso em relação ao sujeito e ao discurso, mas a outras categorias fundamentais nos estudos da linguagem como texto e língua, por exemplo. Para o criador desta teoria, Patrick Charaudeau, o ato de comunicação tem como atores principais o sujeito falante (quem escreve), em relação a outro parceiro (o interlocutor). (CHARAUDEAU, 2014).

Desse modo, o ato de comunicar não é simplesmente, como defendem alguns estudiosos, ato de transmitir algo. Ainda vemos essa explicação nas aulas de Português, sendo uma concepção de língua(gem) extremamente superficial. Aqui, o ato de comunicação é um processo complexo, que tem como dois dispositivos fundamentais: a situação de comunicação (discutido anteriormente) e os modos de organização do discurso que irão definir “a finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCREVER, CONTAR, ARGUMENTAR” (CHARAUDEAU, 2014, p. 68).

Charaudeau defende que o ato de comunicar é equivalente ao processo de encenação, assim como ocorre no teatro. Além disso, os modos de organização do discurso na Semiologia se diferenciarão do que entendemos como gêneros e tipos textuais.

“Comunicar” é proceder a uma *encenação*. Assim como, na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir *efeitos de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. Assim, os textos podem ser objeto de uma categorização em *gêneros* (publicitários, científicos, de informação, de instrução, etc), e não devem ser confundidos com Modos de Organização, já que um mesmo gênero pode resultar de um ou de vários modos de organização do discurso e do emprego de várias categorias de língua. (CHARAUDEAU, 2014, p. 68, grifos do autor)

O linguista também defende as distinções entre situação e contexto, visto que em muitos estudos os dois termos aparecem como se fossem iguais. Para o autor, situação “se refere ao ambiente físico e social do ato de comunicação, enquanto que o contexto se refere ao ambiente textual de uma palavra ou uma sequência de palavras” (CHARAUDEAU, 2014, p. 69). O estudioso postula que é possível fazer a distinção entre contexto linguístico e contexto discursivo, sendo o primeiro o que está ao redor (verbalmente falando) da palavra e o último os mecanismos linguísticos anteriores necessários para compreensão de determinado texto.

Charaudeau (2014) nos mostra que no ato de se comunicar há trocas entre o sujeito falante e seu interlocutor, mas é necessário que haja alguns componentes da situação de comunicação, como as características físicas (dos parceiros) – se estão próximos ou não, se são únicos ou múltiplos, o canal de transmissão (canal oral ou gráfico, direto ou indireto); características identitárias dos parceiros (sociais, socioprofissionais, psicológicas, relacionais); características do contrato de comunicação (se está ocorrendo a troca ou não e de que forma (monologal ou dialogal), rituais de abordagem e papéis comunicativos.

Da mesma forma que há diferenças complexas entre situação e contexto, também há entre língua falada e língua escrita. Essas diferenças dependerão do que está compondo determinada situação de comunicação, principalmente relacionado a quem participa dela, ou seja, se há troca entre parceiros ou não, que o professor chama de situação dialogal ou situação monologal. A situação dialogal ocorre quando há trocas entre os parceiros da comunicação de modo que um esteja fisicamente presente ao outro. Assim, o sujeito falante perceberá as reações e retornos e estando “à mercê” – como o próprio autor utiliza o termo – do interlocutor, sendo o ambiente em que estão um possível modificador de termos, de gestos corporais, etc.; já na situação monologal não há trocas entre locutor e interlocutor num ambiente físico. O locutor não irá saber as reações do interlocutor, mas poderá imaginá-las.

De maneira geral, quando se pensa em textos compostos por narrativas, por exemplo, em alguns momentos irão surgir parte monologais e em outras dialogais ou mesclando os dois tipos. O texto de Amara Moira não foge disso, pois ele é composto por situações em que a eu-narradora atua “sozinha” e em outras partes, atua com outros sujeitos.

O texto se inicia da seguinte maneira:

Sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria, celular em mãos. É assim que ganham corpo meus relatos, é assim que ganham cor, ganham vida. O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro de cliente em meu rosto não importa o que eu faça, o seu cheiro de homem já tão diferente do meu – serão os hormônios? Palavras-chave marcantes vindo à tona assim que me ponho a escrever, dentes, línguas, dedos, lábios, uma puxando a outra meio que naturalmente, o texto saindo do encontro delas mas também desde antes, desde quando eu já estava na rua tramando amores, namorando olhares: travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora. (MOIRA, 2018, p. 21)

Aqui, temos um exemplo de uma situação dialogal<sup>4</sup>, pois a eu-narradora dialoga consigo mesma, rememorando fatos, sensações e sentimentos do início de sua vida na prostituição, além de não ocorrerem trocas comunicativas com outras pessoas. Podemos observar, também, que as construções utilizadas são colocadas de maneira hierárquica e progressiva, contextualizando para o eu-leitor o ambiente que a eu-narradora se encontra e o tempo em que a narrativa se inicia: “O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro de cliente em meu rosto não importa sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria” (MOIRA, 2018, p. 21). Neste processo, o seu corpo, que ainda tenta se encontrar no mundo, recorre à ajuda de hormônios para que se chegue ao parâmetro de uma mulher bonita (e cisgênera). Com eles, a pessoa que faz uso consegue alcançar seus objetivos pessoais, na maioria das vezes, acrescentando uma aparência que parecia impossível. O recorte anterior funciona como resumo de tudo que ainda está por vir; é uma preparação para que o sujeito leitor entenda onde precisa se situar, criando, assim, uma expectativa na leitura.

Charadeuau (2014) cita que os discursos se organizam de modo que atendam as finalidades dos atos de comunicação e serão classificados em quatro modos de organização: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo. Cada modo de organização terá uma função de base – “que corresponde à finalidade discursiva do Projeto de fala do locutor, a saber: O que é “enunciar”?, o que é “descrever”?, o que é “contar”? e o que é “argumentar”?

---

<sup>4</sup> Embora no trecho citado, haja apenas a participação da eu-narradora, a situação comunicativa será dialogal, visto que a eu-narradora dialoga consigo mesma para rememorar os fatos acontecidos e transpor na escrita.



e um princípio de organização (ligado à construção e organização das ideias) (CHARAU-DEAU, 2014, p. 78).

O modo de organização enunciativo tem como função de base a relação de influência (eu/tu), ou do ponto de vista do sujeito (eu/ele) e seu princípio de organização se dará na posição ao seu interlocutor, em relação ao mundo e em relação a outros discursos. Ele funcionará como o “comandante” dos outros modos, pois influenciará estes, já que é o responsável por construir a posição do locutor frente ao interlocutor, a si e aos outros. Nesse modo, segundo o linguista, as construções enunciativas serão de duas ordens: a linguística, responsável por mostrar através dos processos de modalização, as relações que compõem o ato enunciativo, e a discursiva, que irá contribuir para evocar os outros Modos de organização do discurso (Descritivo, Narrativo e Argumentativo).

O descritivo – como o próprio nome já induz – terá como função qualificar ou identificar os seres de forma objetiva ou subjetiva, tendo como princípio a organização da construção descritiva por meio da nomeação, localização e qualificação; no modo narrativo, os fatos são construídos de forma suscetível de maneira que sejam construídas a narrativa. O princípio de organização se liga aos agentes que atuam na narrativa (actantes) e o espaço narrativo; já o modo argumentativo tem como função a influência e convencimento do interlocutor por meio de argumentos, tendo como princípio a organização da lógica argumentativa. Cada modo de organização será desmembrado pelo autor, o que faz uma alusão à boneca russa Matrioska, onde há uma boneca sobreposta a outra.

Embora no texto de Amara Moira haja predominância do modo de organização do discurso narrativo (sendo uma narrativa de vida), é fundamental pensarmos que há participação dos outros modos de organização, uma vez que serão necessários para a construção da narrativa. Há presença do modo de organização descritivo e narrativo, uma vez que a puta-narradora descreve as ações de modo progressivo e utiliza estratégias verbais para que o eu-leitor seja influenciado a criar/imaginar o contexto da encenação, ou seja, temos uma mulher travesti que está retornando à sua casa, aparentemente cansada, após a primeira experiência como trabalhadora sexual – “tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro de cliente em meu rosto não importa o que eu faça [...]” (MOIRA, 2018, p. 21). O modo argumentativo entra como mote para trazer indícios que influencie o eu-leitor a ver a puta-narradora não só como uma puta, mas uma puta que também é escritora.

Após alguns sentimentos transcorridos sobre as primeiras experiências como puta, a puta-narradora evoca um interlocutor (um cliente) mostrando ao eu-leitor a sua euforia ao

atender seu primeiro cliente. Neste trecho, também há predominância dos quatro modos de organização do discurso, sendo o descritivo que mais predomina. A sujeita comunicante (Amara), através do eu-enunciadora (a narradora-puta), cita os artifícios que foram necessários para chegar ao “sucesso” na sua primeira atividade sexual como puta:

E lá fui eu abrindo o zíper do rapaz com essa habilidade que esqueci de esquecer, a boca buscando o fundo através do pau sem nem relar os dentes durante o entra-e-sai, garganta profunda, engasgando, atravessando a glote. “Calma que assim eu gozo”, me disse após poucos segundos, em seguida emendando um “que boca”. Boca de quem faz com gosto, boca de quem faz feliz, mesmo escorrendo lágrimas dos olhos [...]” (MOIRA, 2018, p. 22)

A narradora-puta ainda nas primeiras páginas conta ao eu-leitor sua euforia em ser puta, devido aos seus atendimentos terem sucesso e sempre atingir o objetivo esperado: dar prazer. O modo de organização do discurso enunciativo também predomina em muitas passagens, como esta, por exemplo:

Vinte minutos, nem tanto, nem tanto, e eu já de volta à rua, euforia gritando, ainda em choque com o que descobri em mim, essa talvez vocação pra ganhar dimdim dando tesão: meus primeiros reais na rua, enfim puta, o dever cumprido, emoção bastante pra uma noite só, quase pensando em voltar pra casa. (MOIRA, 2018, p. 24)

A partir desse momento, a narrativa começa a tomar outros direcionamentos, e a putanarradora leva o eu-leitor a pressupor que a vida de ser puta não é essa maravilha. Os modos de organização descritivo e narrativo assumem a responsabilidade neste trecho abaixo; o modo de organização argumentativo também faz presença, visto que a eu-enunciadora argumenta ao seu eu-leitor o porquê de não ter acontecido a penetração no ato sexual, embora o cliente (aparentemente) tenha se satisfeito de outras formas:

[...] Descemos do carro, tudo se desenrolando agora eu deitada de costas no capô, minhas pernas enlaçando seu corpo, a céu aberto, outras fazendo o mesmo a uns metros dali. *Gel, camisinha, dedo, mais gel, força, força e não era possível, simplesmente não era. Aquilo não foi feito para eu, pensei, e ainda descobriria ser nem o maior da noite.* Ele então tira a camisinha entendendo a situação e eu o chupo e masturbo até ele gozar gostoso meio em meu rosto, meio na boca entreaberta, não sem antes ele me chupar, eu terrivelmente excitada até nisso. Prometi mais largura a próxima vez e ele jurou voltar. Se despediu com selinho na boca (esqueci de contar o quanto a gente se beijou, o quanto ele foi carinhoso) e partiu me deixando ali, no escurinho do matel, limpando com retalhos de papel higiênico o rosto e o cu lambrecados. (MOIRA, 2018, p.25, grifos nossos)

Ao longo das primeiras páginas, o eu-leitor perceberá (ou não) a euforia da narradora ao ser puta, ao ganhar seu dinheiro, ao descobrir desejos, sensações que nela não havia ainda descoberto, visto que não há fórmula mágica para se descobrir a vocação em “ser da noite”. A incessante busca pela validação da identidade dela, sendo um passo fundamental para um possível sucesso nos seus atendimentos. Essa busca é imposta na prostituição, pois a travesti

que é mais “passável” terá um retorno de clientes maior. Infelizmente, isso também interfere no respeito a sua identidade de gênero.

Com ele, fiz a linha romance, como dizem na rua, e a coisa durou mais de hora, único cliente de que ainda me lembro o nome (saímos várias vezes depois), único que jamais regateou preço ou desmereceu meu trabalho (“Quantos mais humildes, mais eles nos respeitam... teve um que guardava moedinha pra vir me ver todo mês e nunca pediu desconto”, me contou uma amiga). Tirou minha roupa assim que girou a chave e já veio pra cima de mim, bafão de cerveja gritando, mas nem liguei, porque era ali naqueles braços viris de pedreiro que **eu ia aprendendo a me sentir mulher, a abraçar, beijar como mulher**”. (MOIRA, 2018, p. 26, grifos nossos)

Berenice Bento (2017) nos chama a atenção em como as pessoas acabam idealizando uma tentativa de pôr em prática a normatividade de gênero, ou seja, uma tentativa de se adequar ao que considera parte daquele gênero (binário), só que estas pessoas talvez não saibam que a própria construção dos gêneros (paródia dos gêneros, como postula Butler (2002)) é feito de tecnologias, não é natural. Com isso, a tentativa inatingível de se chegar a ser um(a) mulher/homem perfeito (a) é carregada de dor e frustração.

A intenção de (re) produzir o modelo hegemônico da mulher (bondosa, compreensiva, passiva, sensível, vaidosa e, principalmente, que tenha o matrimônio como destino) e do homem (que não chora, viril, sexual e profissionalmente ativo, competitivo) potencialmente provoca sentimentos de frustração e de dor. (BENTO, 2017, p. 90)

Letícia Nascimento, mulher travesti, ativista lgbtqiap+, nos chama à reflexão a partir da introdução da sua obra *Transfeminismos* em que cita a importância de Sojourner Truth, uma mulher negra, que com sua pergunta composta de apenas seis palavras se tornou um marco para o feminismo negro e para o transfeminismo, pois “a pergunta desestabiliza a concepção homogênea universal de mulher [...]” (NASCIMENTO, 2021, p. 17). Ao ler seu potente livro, várias passagens me chamaram atenção. Questionei-me sobre o poder que os clientes (homens) – que recebem graças à estrutura machista da qual a sociedade foi criada, fruto do patriarcado – têm ao tentarem impor quem pode ou não ser mulher na prostituição. Afinal, o que é ser mulher para eles? É ter vulva? E as mulheres com vulva são vistas como mulheres por esses consumidores da prostituição? Reflexões...

A parte final do primeiro capítulo se aproxima, e a sujeita comunicante Amara, por meio da eu-enunciadora, dessa vez, despeja a outra face de se trabalhar na prostituição: uma face obscura, que revela o que as mulheres, muitas vezes, são submetidas. Se, até agora, a puta-narradora mostrou de início uma euforia ao começar a sua vida na prostituição, lembrando, é claro, certos “perrengues” que ocorrem naquele contexto, a partir deste momento, a eu-enunciadora escancara o sofrimento de uma mulher travesti que no lugar do prazer, vivencia a “dor que dar prazer ao outro”. Portanto, a eu-comunicante Amara acionará

duas eu-enunciadoras: uma narradora-puta alegre, eufórica e uma narradora-puta triste e sofrida, que é a que passa a ser protagonista nesse momento:

Qual o espanto quando um ano e meio depois descubro que a dor que senti em todas, absolutamente todas, as vezes que dei depois dessa era por causa duma fissura anal? Demorei pra me dar conta de que eu precisava de um médico e fui deixando pau atrás do outro ir só piorando a coisa por achar que era frescura minha ou falta de dedicação. Dois meses de pomada, três aplicações diárias, e male, male tudo se resolveu, mas quase acabei foi na mesa de cirurgia. Por pouco. Como eu disse antes, não tem manual ou curso que te ensine nada, nem médico sabe direito o que recomendar (teve um que parecia ter nojo de mim e me mandou ir em atrás de um “especialista na minha opção”, vai vendo). (MOIRA, 2018, p. 28)

Ao longo desse primeiro capítulo, pode-se notar que o sujeito falante (Amara Moira) por meio das suas eu-enunciadoras (narradoras-putas) conduz o sujeito interpretante (leitor) de diversas formas: primeiramente, contextualiza do que o livro irá abordar, ou seja, das vivências de Amara enquanto puta, e seus primeiros atendimentos, utilizando de certa ironia para mostrar que, embora fosse submetida a situações difíceis, conseguia realizar um bom atendimento. Todavia, o sentimento de euforia das primeiras experiências dá lugar ao sofrimento, a dor não só do ato ao ser penetrada, mas na forma como muitos clientes a tratava, denunciando como a travesti, muitas vezes, é vista na prostituição: como algo não humano.

[...] Várias, várias posições, todas doendo horrivelmente, mas talvez laceada já das investidas do anterior, ele uma hora enfim entra. E quando entrou, aí sim, aí, passou a meter com gosto, eu simplesmente deixando, “toma meu corpo, vai, faz o que quiser”, querendo provar pra mim mesma que eu dava conta: tesão, digo, ereção já não havia, só dor e desejo de superação o que não era pouco.

[...]

Excitada com cada um dos três, pouco importava grana ou beleza. Dar prazer foi meu destino amargo, dar, mas também receber. E se sentir prazer naquilo com que se trabalha for critério para escolher profissão, a minha já estava escolhida. E se eu fosse puta? Bom, agora eu era. (MOIRA, 2018, p. 28-29)

Tentamos, ao longo deste texto, fazermos uma breve análise de alguns trechos da obra de Amara Moira, *E se eu fosse pura*, utilizando como prerrogativas o quadro de situação de comunicação e os modos de organização do discurso advindas da Análise de Discurso Semi-olinguística, proposta por Patrick Charaudeau. Vimos que a eu-comunicante Amara ao contar sua história como puta não romantiza a prostituição. Por meio do acionamento da eu-enunciadora alegre e eufórica, contou-se como foi o início da sua vida de puta e os seus primeiros atendimentos; já a outra eu-enunciadora triste e sofrida narrou sobre os bastidores dos próprios atendimentos, onde, muitas vezes, a transfobia reina absoluta ao negar a identidade de gênero das travestis que são trabalhadoras sexuais.

Durante toda a infância e a adolescência, período de descobertas, a ideia de “E eu não sou uma mulher?” sempre esteve presente, ainda que de outros modos, com

outras palavras. A pergunta era como um sonho muito desejado, embora às vezes fosse um pesadelo, repleto de medos, ameaças e escárnios. **Eu vivia um lugar que, para muitos, é um não lugar** – mas era um mundo só meu. Não estava em nenhuma margem do rio. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale, para um lugar onde se fazer era possível no confronto com algumas regras impostas. (NASCIMENTO, 2021, p. 20, grifos nossos)

Desses não-lugares, Amara Moira, Letícia Nascimento e todas as travestis nos mostram resistência: ao serem mães, putas, professoras, escritoras, advogadas... ao serem elas. Que suas caminhadas nunca cessem e que a cisheteronormatividade, como sempre, nunca a vença!

#### PUTASEMIOSIS: A BRIEF SEMIOLINGUISTIC ANALYSIS ON *E SE EU FOSSE PURA*, BY AMARA MOIRA

**ABSTRACT:** Literature— not only seen as a field of study, but as a form of fight and resistance against oppressions— has become an important ally for social transformation, since the works considered "classical", until those that belong to the so-called contemporary literature. From feminist literature to LGBTQIAP+ literature, the representative perspective has gained strength, in addition it is a true "sigh" in the midst of a society built and crossed by cisheteronormativity, racism, chauvinism, patriarchy and so many forms of oppression, as was the formation of Brazilian society. The book "E se eu fosse pura" writing by Amara Moira, which will be used as an object of analysis, is a literary text that makes us re-signify and (re)think the stereotypes that society imposes on us, mainly those related to women sex workers, popularly known as "whores". Therefore, this text aims to analyze some excerpts from that work, using the communication situation framework and the modes of discourse organization, brought by the Semiolinguistic Discourse Analysis, proposed by the linguist Patrick Charaudeau.

**KEYWORDS:** Amara Moira; Literature; Resignification; Semiolinguistic.

#### REFERÊNCIAS

- BERENICE, Bento. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. 3. ed. Salvador: Editora Devires, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVASSI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em 14 abr. 2022.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- MACHADO, Ida Lúcia. *Narrativas de Vida: Saga familiar & sujeitos transclasses*. Coimbra: Grácio Editor, 2020.
- MOIRA, Amara. *E se eu fosse pura*. São Paulo: Hoo Editora, 2018.
- NASCIMENTO, Letícia Nascimento Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

Recebido em: 24/05/2022.

*Aprovado em: 14/07/2022.*